

LITERATURA BRASILEIRA EM FOCO: O *EU* E SUAS FIGURAÇÕES

Sergio Barcellos
(PUC-Rio)

Em *Je est un autre*, Philippe Lejeune recorre a Rimbaud para nomear um estudo sobre o sujeito dentro da enunciação autobiográfica, em que pretende pôr em evidência a suspeita sobre seu estatuto pleno e legítimo e, sobretudo, exhibir os bastidores da primeira pessoa, “qualquer que seja o teatro no qual se dê o espetáculo: escritura literária, rádio, cinema ou audioliteratura” (LEJEUNE, 1980, p. 7). Concentrando sua atenção nas obras ficcionais de autores nacionais, os ensaístas de *LITERATURA BRASILEIRA EM FOCO*, *o eu e suas figurações* (CHILARA, Ana Cristina; ROCHA, Fátima, org., 2008) atualizam as reflexões crítico-teóricas de Lejeune examinando como a representação literária do *eu* vem se transmutando: desde momentos anteriores a uma dicção confessional e subjetiva, até a superexposição do sujeito, ocupando espaços os mais variados – desde a perene página de um livro até o espaço virtual da internet. Os dez ensaios apresentados no livro, publicado pela Editora Casa 12, em 2008, lidam com objetos oriundos de gêneros diversos, cujo denominador comum é a artimanha enunciativa da primeira pessoa.

Seguindo uma orientação diacrônica, o ensaio “Encenações do *eu* no *Theatrum Sacrum* de Antonio Vieira”, de Ana Lúcia M. de Oliveira, desvenda um caráter ambíguo da presença do eu na sermonística vieiriana. Através da encenação de um ato interlocutório, o índice de subjetividade estaria presente em uma retórica em que não caberiam nem subjetividade nem projeto confessional. A forma encontrada por Vieira para operar essa encenação de interlocução – uma forma de teatralização tão cara à Igreja contrarreformada, pois, segundo a autora, seguia-se uma tendência de “espetacularização das práticas religiosas como forma de obter a adesão do público” (OLIVEIRA, p.15) – encontra-se emblematicamente explícita no “Sermão da Sexagésima”, com a tematização da arte da pregação. Segundo Oliveira, o contraponto dos sermões de Vieira a esse estado da pregação era incluir-se no âm-

bito da pregação, esboçando o retrato do pregador ideal e, sutilmente, esboçando seu autorretrato como tal. Ao aceitar o poder performativo do texto, Vieira traz para a tradição sermonística a presença do interlocutor e o contexto da enunciação.

O contexto enunciativo mostrar-se-á uma vez mais elemento valioso. Reinaldo Marques, ao examinar os procedimentos e estratégias de enunciação na poesia mineira colonial, em “O poeta e suas máscaras: Estratégias de enunciação na poesia dos inconfindentes”, ressalta a forma como estão presentes, nas éclogas de Cláudio Manoel da Costa, “os dramas e contradições da sociedade mineira setecentista, de seus autores e atores sociais mais prestigiados” (MARQUES, p.28). Apesar da ambientação bucólica e da presença de personagens rústicos ou entidades mitológicas, o espaço da enunciação poética não estava fechado ao sujeito ou à sua projeção. Dois conceitos são caros à análise feita por Marques: a delegação poética e a emulação. O primeiro, que consiste, basicamente, no impedimento da manifestação subjetiva do poeta em sua produção, é reinterpretado como forma de dar voz à tradição literária. A emulação, por outro lado, recolocaria em cena o poeta através das frequentes contendas em mais diversos aspectos. Transferidas para o âmbito da enunciação poética, as disputas estariam refletindo o contexto social e histórico dos produtores dessa enunciação poética.

“Entre o público e o privado: Configuração do narrador em *Luciola*, de José de Alencar”, Marcus Vinicius Nogueira Soares trata também de uma forma de delegação, mas dessa vez, uma delegação de autoria, empregada por José de Alencar em seus “perfis de mulher”. *Luciola* oferece a possibilidade da demonstração de como, sob a máscara das iniciais G.M., Alencar traz para a esfera pública uma dicção confessional, através da utilização do gênero epistolográfico como estratégia narrativa. A arena de interlocução encobre uma operação mais sofisticada, qual seja, a da construção textual do narratário e, tendenciosamente, sua predisposição para compartilhar a criticada indulgência do personagem Paulo em relação a determinados casos sociais.

O ensaio de Andréa Portolomeos, “Machado de Assis e o Conde de Albuquerque: Memória e ficção na sociedade brasileira do segundo reinado”, tangencia o tema anterior, adicionando à reflexão sobre a narrativa machadiana não uma dicotomia memória-ficção, mas outra forma de transfiguração da subjetividade que enriquece o personagem Aires com vivências do homem Machado de Assis, em diálogo com seu

tempo histórico e seu espaço geopolítico. Não se trata, contudo, de aplicar uma premissa metodológica que se apoia no biográfico para explicar a obra. A autora remete-se ao estudo sobre Machado de Assis, feito por Lucia Miguel Pereira, em que “a estudiosa aposta na ideia de que o material artístico contém uma memória pessoal e coletiva transfigurada e distribuída nos vários personagens, narradores e enredos” (p.61). O paralelo traçado entre alguns dados biográficos do escritor e desdobramentos do personagem Conselheiro Aires, em *Esau e Jacó*, ilustra bem a aproximação cuidadosa feita para explicitar em que medida a memória pessoal e a criação ficcional se engendraram, nesse estágio peculiar da obra de Machado de Assis.

Do outro lado do espelho em que se projetava a imagem de Machado, outra imagem se constituía: a de Lima Barreto, que vem contribuir com um gradual apagamento das fronteiras entre o autobiográfico e o ficcional. A experiência de vida vem se inscrever em um gênero textual aparentemente avesso a uma *re-presentation* do sujeito: a escrita diarística. Em “*Cemitério dos vivos*, de Lima Barreto: do diário íntimo ao romance autobiográfico”, Fátima Cristina Dias Rocha mapeia a convergência dos gêneros crônica e diário, na obra do escritor, que torna possível uma elaboração ficcional do autor. Ao registrar, em forma de diário, sua internação em um hospício, o escritor estaria construindo uma obra que aceita em seu corpo a reflexão retrospectiva, característica da autobiografia, e a reflexão contemporânea e temática, como forma de compreensão do seu entorno, cuja marca é característica da crônica. Em *Cemitério dos vivos*, a ensaísta aponta para uma coexistência pacífica e não excludente do que chama de “códigos antagônicos”, ou seja, o discurso autobiográfico e o discurso romanesco.

No ensaio “O negro branco: Vida e verso de Cruz e Souza na escrita biográfica de Paulo Leminski”, de Fátima Maria de Oliveira, a tarefa biográfica é compreendida como uma reconstrução de existências. A sedução pela vivência do outro, comum tanto na produção quanto na recepção de narrativas biográficas, é analisada no contexto de produção, em que o biógrafo é ninguém menos do que um expoente da poesia brasileira dos anos 1990. Convidado para escrever a biografia do poeta Cruz e Souza, Paulo Leminski soma à referencialidade da escrita biográfica a “construção de mediações metafóricas entre o fato e a ficção, para a construção de um saber narrativo de cunho ensaísta” (p.111), como afirma a autora. Há, além disso, nessa experiência textu-

al, uma troca valiosa que é a corporificação do biografado e a incorporação, pelo biógrafo, do imaginário, da memória poética e da tragédia do biografado. A composição, seguindo esse percurso ambivalente, estaria próxima a uma “desbiografização”, em que o biógrafo se apropriaria da força da linguagem do biografado, criando uma tensão produtora do discurso. Para a autora, há nesse projeto uma espécie de agenciamento de corpos, que permite ao poeta Cruz e Souza incorporar-se no corpo e no texto de seu biógrafo, para assumir um lugar de enunciação que lhe permita, ainda uma vez mais, repetir sua vivência biográfica e poética.

A fronteira do ser com o mundo, a pele, testemunha uma troca de territórios: o íntimo projeta-se para o fora, e o dentro passa a sentir o peso de ser o espaço de uma “extimidade”. O conceito de Lacan, trazido por Ana Chiara para dentro de seu ensaio “Ana Cristina César e Ana Mendieta: As infotografáveis”, refere-se ao “trânsito entre o eu, o mim e aquilo que em ‘mim’ não domino” (p.123). As duas Anas, a poeta e a artista plástica, utilizam seus corpos em imagens aprisionadas que não remetem, necessariamente, ao seu referente biográfico: utilizam-nas para se *des-representar*. A terceira Ana define tal discurso como a escrita com sangue, na qual “a imagem mais cruel e definitiva das artistas foi a forma trágica do suicídio, escolhida pelas duas: a queda de uma janela, deixando no solo a última e efêmera marca, o último selo de seus corpos” (p.124). Antes do último ato, as duas Anas se exibem mas, como Ana Chiara analisa, são *infotografáveis*. As imagens que de si criam, não remetem a uma imagem mimética: traduzem revoluções íntimas que se expandem em poses e palavras, em esculturas corporais e luzes efêmeras.

“Experiência e espetáculo na escrita de si contemporânea”, de Ana Cláudia Viegas, revisita dois conceitos de narrador, o de Benjamin e o de Silviano Santiago, trazendo-os para o fenômeno das escritas de si em novo suporte: a internet e os *blogs*. A leitura de duas escritoras, Clara Averbuck e Cecília Giannetti, aponta para um narrador *blogueiro* que “está no centro da ação narrada e constrói seus relatos breves, efêmeros a partir de acontecimentos banais, precários de seu cotidiano, mesclando experiência e ficcionalidade” (p.139). Surge a reconstrução do sujeito na narrativa, sujeito biográfico reconfigurado e *re-presentado* através do entrelaçamento de discurso ficcional e autobiográfico. Destaca-se a funcionalidade da escrita *blogueira* como

uma espécie de autorretrato, formado pela fragmentação e pela justaposição de signos e símbolos – no caso da linguagem do *blog*, um conjunto de textos, imagens, sons e intertextos. Embora ainda presente, a primeira pessoa já não remete mais a um sujeito uno, mas a “uma concepção de identidade não essencial, constitutivamente incompleta e, portanto, aberta a múltiplas identificações” (p.147).

Dessa forma, o projeto de Lejeune se irradia pelos ensaios do livro, encontrando outros *media*, dentro de outro contexto de produção de discursos biográficos e de projetos de figurações, transfigurações e desfigurações da subjetividade. A proposta tanto do curso de Especialização do Setor de Literatura Brasileira da UERJ quanto dos ensaios, tributários das experiências de pesquisa e de docência, encontra nesse livro um conjunto de reflexões indispensável para futuras investigações sobre subjetividade e representação literária do “eu”.

REFERÊNCIAS

CHIARA, A.; ROCHA, F. (orgs). *Literatura brasileira em foco: o eu e suas figurações*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2008, 156p.

LEJEUNE, P. *Je est um autre – L'autobiographie, de La littérature aux médias*. Paris : Seuil, 1980.

Data de recebimento : 05 março 2009

Data de aprovação : 16 abril 2009